



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

## A ANÁLISE COMPARADA ENTRE “A VICTORIA DE LUCIFER” E A PINTURA “O ARCANJO EM LUTA COM O DIABO”

CARDOSO, Fabiano (PPG-UEM), FECILCAM, pr\_fabianoc@hotmail.com  
FERNANDES, Mônica Sócio, UEPR/FECILCAM

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo analisar comparativamente o conto *A Victoria de Lúcifer*, de Coelho Neto e a pintura românica *O Arcanjo em luta com o Diabo*, de autoria desconhecida. Sob o âmbito da intertextualidade, o termo foi cunhado por Julia Kristeva fundamentada nos estudos de Bakhtin (2011). O conto e a pintura se expressam por linguagens diferentes, mas por explorarem uma mesma temática podem ser cotejados. As noções de intertextualidade têm ajudado na interdisciplinaridade o que é muito importante para aproximar linguagens que poderiam ser consideradas antagônicas, confirmando seu grande valor para as pesquisas das áreas humanas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Pintura. Intertextualidade.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi elaborado para entendermos um pouco mais sobre a intertextualidade e a estética comparada aplicada a um texto literário (conto) e o gênero pintura. A intertextualidade, bem como a estética comparada é um dos campos que promovem o diálogo entre linguagens diferentes ampliando o campo de análise literária. Portanto, quando desenvolvemos um trabalho realizado sob a luz dessas teorias estamos contribuindo para compreendê-las melhor. O objetivo desta pesquisa será mostrar que a intertextualidade pode estar presente nas linguagens literárias e artísticas. Embora podemos perceber a conectividade entre linguagens artísticas diferentes, mesmo sem recorrer às teorias, somente ela pode nos mostrar de forma convincente e segura esta ligação que intuitivamente sabíamos, mas não poderíamos provar teoricamente.

Toda ligação intertextual pressupõem que discursos anteriores foram produzidos para chegar-se aos discursos contemporâneos. Todo saber desenvolvido no decorrer dos séculos é um acumular de conhecimento que é construído pouco-a-pouco por estudiosos que se debruçam sobre determinada teoria tentando alargar o conhecimento ou, até mesmo, tentando refutá-lo.

Este o trabalho de pesquisa voltá-se à análise da diversidade artística, buscando estabelecer o diálogo entre a literatura e a pintura, artes que podem ser consideradas irmãs.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Este diálogo é estudado pelos pesquisadores e tem o objetivo mostrar quais são as singularidades e diferenças inerentes nas obras consideradas artísticas.

A análise dar-se-á através de duas linguagens, a literária com o conto “A Victoria de Lucifer” do autor Coelho Neto, que produziu sua obra no momento de transição entre Simbolismo- Modernismo e, por fim, a artística com a pintura românica “O Arcanjo em luta com o Diabo” que foi produzido por volta de 1200 e não é conhecida sua autoria.

Ao analisarmos a linguagem literária e artística poderemos compreender melhor a teorias empregadas neste trabalho e como elas podem ser aplicada em uma situação prática, que é o nosso caso. Esse é um dos assuntos que abordaremos no decorrer desta produção científica.

## 1. INTERTEXTUALIDADE E ESTÉTICA COMPARADA: CONCEITOS.

A literatura, com as suas devidas especificidades, pode ser comparada com qualquer outro tipo de arte: “Frente ao hibridismo das tendências contemporâneas, marcado pela quebra dos limites que isolam os diversos campos do saber, conforme ideário tradicional, a literatura, peculiarmente ligada a seu tempo e espaço, apresenta marcas desse amálgama.” (FERNANDES, 2008, p. 1)

Podemos estudar diversos gêneros literários através da teoria da intertextualidade. Ela é um dos temas mais estudados em nossa contemporaneidade. O termo foi cunhado pela francesa Julia Kristeva, grandemente influenciada pelos estudos dialógicos de Bakhtin, consolidou os estudos intertextuais.

Mas o que é teoria da intertextualidade? Quais são suas implicações? A Intertextualidade são as referências ou retomadas de diversos textos fazendo reflexo na produção de outros tantos textos. A teoria intertextual clarifica as diversas visões dentro de um texto, ela nos remete a outras teorias e tantos conceitos formam um texto. Segundo Izidoro Bliskstein(2003, p. 45).:“Suportado por toda uma intertextualidade, o discurso não é falado por uma única voz, mas por muitas vozes, geradoras de muitos textos que se entrecruzam no tempo e no espaço(...)”. Os textos são gerados no acumulo de vozes que orientam e perspassam o texto. Não há construção de ideias sem acumulo de conhecimento, sem inferência de conceitos anteriormente estabelecidos, portanto, o



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

acúmulo de vários tipos de conhecimento traz criticidade e experiência para formulação de novos textos.

A intertextualidade é interferência dos discursos influenciando outros discursos. Para isso a intertextualidade usa de procedimentos específicos na composição do texto. Esses procedimentos transformam o texto, embora o texto possa ser de um único autor, há diversos autores por trás de um determinado trabalho, orientando o discurso que o autor está trabalhando. José Luiz Fiorin (2003, p.35) enfatiza isso com muita propriedade: “O discurso não é único e irrepitível, pois, um discurso discursa outros discursos”. O discurso não é solitário porque é baseado em outros textos, e isso faz de seu autor(a) um(a) conhecedor(a) de determinadas “regras” e teorias para desenvolver sua argumentação sem erros conceituais, ou até mesmo, erros de redação.

O texto, ou o discurso contido numa determinada produção, é uma colcha de retalhos, pois o autor sempre carrega o peso de suas leituras, o contexto aonde vive, sua história familiar, sua personalidade, seu convívio na sociedade, se é religioso ou não, dentre tantas outras coisas que formam o ser humano. Nunca um discurso é considerado solitário, o discurso é marcado pelo posicionamento do autor e os discursos que ele assimilou para fazer determinada obra é muito importante na constituição da mesma.

Sendo a intertextualidade vários discursos que dirigem para a elaboração de outros discursos, ela pode abrir caminho de diálogo entre várias linguagens. Por exemplo, podemos relacionar a música e o futebol, a literatura com obras de arte, obras de arte com poesias e assim sucessivamente. A intertextualidade constrói pontes, isso é muito importante porque ela faz nos entender o sentido de algo que poderíamos não entender se ela não existisse. Veja o exemplo que Laurent Jenny nos mostra:

“Fora da intertextualidade, a obra literária seria muito simplesmente incompreensível, tal como a palavra numa língua ainda desconhecida. De facto, só se apreende o sentido e a estrutura numa obra literária se a relacionarmos com os seus arquétipos, provenientes de outros tantos “gestos literários”, codificam as formas de uso dessas”. (1979, p.5)

Jenny fala sobre a incompreensibilidade da literatura se não houvesse intertextualidade. Sem a intertextualidade os textos ficariam desconexos. Como compreenderíamos gêneros como charges sem intertextualidade? Não teria como, então, ela vem para, como dito, “criar pontes”, amarrar o discurso ao contexto, ao já dito.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Já a estética comparada pode ser caracterizada pela aproximação e diferenciação de duas, ou mais, artes: “o que queremos chamar de *estética comparada* à disciplina que procura observar positivamente, pôr em evidencia e anotar corretamente as similitudes e as oposições que podem ser relacionadas com esses tratamentos diversos.” (SOURIAU, 1983, p. 5)

A estética comparada trabalha com seus próprios métodos delimitando seu campo de atuação entre linguagens artísticas diferentes. Em nosso caso vamos trabalhar com a literatura, conto, comparando analiticamente com uma obra de arte românica. Segundo Souriau (1983) a literatura pode ter o papel unificador entre as artes, mas deve-se evitar a generalização de que tudo pode ser comparado com a literatura:

Longe, pois, de aceitar uma correspondência entre todas as artes por serem todas traduzíveis em poesia, linguagem artística universal, devemos tomar cada arte em seu idioma próprio e estabelecer com paciência e cuidado o léxico das traduções. E registrar como “intraduzível” aquilo em que se esvanece efetivamente a essência artística da obra pela tradução num outra arte.” (SOURIAU, 1983, p. 7)

O que Souriau(1983) queria dizer era que as diversas manifestações das artes têm características semelhantes: “nada mais evidente do que a existência de um tipo de parentesco entre as artes.” (SOURIAU, 1983, p. 14). Embora as comparações podem ser feitas, elas devem partir, de um minucioso trabalho científico. Pois as diferenças entre as artes também deve ser considerada, Souriau(1983) observa que algumas artes podem ser vistas outras podem ser ouvidas. Por isso o seu caráter unificador, mas, também, diferenciador.

A estética comparada tem o objetivo de mostrar estas semelhanças e diferentes que correspondem as artes diferentes. Tenta, com isso, mostrar a importância do fazer artístico e sua função dentro da sociedade.

## 2. COELHO NETO

A história da literatura brasileira, em geral, não atribui muito valor à biografia e à obra de Coelho Neto. Maranhense de nascimento, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro aos 6 anos. Tentou medicina, mas formou-se em Direito. Desde cedo já ingressou em



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

grupos políticos. Coelho Neto se destacou entre os escritores de sua época, escreveu uma vasta obra literária, sendo o brasileiro mais lido no começo do séc.XX.

Muitos críticos literários não vêem com bons olhos a obra de Coelho Neto, um dos exemplos é BOSI:

Não havia no Brasil do começo do século aquela espessura cultural que faz do fenômeno artístico em encontro permanente de significados sociais, existenciais e propriamente estéticos. Tomavam-se de empréstimo atitudes, formas de pensamento e de estilo, na falta de uma percepção radicalmente nova do real. É verdade que as mesmas falhas já se reconheciam nos naturalistas de 80 como Aluísio e Adolfo Caminha; mas o fato de eles se oporem à visão romântico-idealista e à estrutura escravocrata lhes conferia uma consistência literária e ideológica, que acabou resultando numa fisionomia cultural inequívoca. Tal fisionomia falta ao fecundo Coelho Neto e ao raso Afrânio Peixoto, para citar apenas os nomes então mais relevantes. Dessa indefinição adveio uma prosa ficcional compósita, misto de documento e ornamento, aquém do Naturalismo na medida em que se perdia em veleidades fantasistas, mas igualmente incapaz de se fixar no Simbolismo pela carência de uma imaginação realmente criadora. (1979, p.221).

Alfredo Bosi critica a literatura do começo do século XX, tanto Coelho Neto, como Afrânio Peixoto, escreviam sem identificação com uma corrente literária. A produção literária de Coelho Neto sempre foi motivo de controvérsias para os críticos de sua época e contribuiu para que ele chegasse quase ao anonimato em nossos dias. Segundo Bosi: *“Lima Barreto o chama de “o mais nefasto que tem aparecido no nosso meio intelectual” e Otávio de Faria: “maior romancista brasileiro”* (1979, p. 222). Foi duramente criticado pelos modernistas, ele produziu a sua obra entre o Naturalismo e o começo do Modernismo.

Sua obra foi exaltada por COUTINHO: “Coelho Neto pode ser considerado, no domínio da prosa, um escritor dos mais complexos, devendo seus romances e crônicas, contos e críticas, e mesmo suas peças de teatro, ser colocados entre os melhores dos nossos melhores autores” (2004, v.4, p.225). Daí forma-se a ideia do quão complexa é a leitura de suas obras.

Coelho Neto produziu sua obra em um momento de transição literária no Brasil, não se encaixando em nenhum dos movimentos literários brasileiros. Sua produção refletia seu espírito, não a sociedade de sua época. Esta transformação gradual que a literatura estava passando causou um impacto negativo em sua produção literária. Mesmo sendo fecundo ele se encontrava numa época de negação do passado e construção do futuro.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Embora renegado pela nova produção literária, Coelho Neto chegou à presidência da Academia Brasileira de Letras em 1926 e em 1928 foi eleito o “Príncipes dos prosadores brasileiros” atestando a importância da sua obra em sua contemporaneidade.

Seus principais trabalhos são: Romances: *A Capital Federal*(1893); *Miragem*(1895); *O Rei Fantasma*(1895); *Inverno em flor*(1897); *O Morto*(1898); *O Paraíso*(1898); *O Rajá de Pendjab*(1898); *A Conquista*(1899); *Tormenta*(1901) entre outros; e contos, dentre eles citamos “A Victoria de Lúcifer” inserido dentro do livro *Melusina*(1913), será o conto que trabalharemos neste artigo.

Coelho Neto foi influenciado pela *Bíblia*, pelo clássico “*Mil e uma noites*”, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Maupassant, Flaubert, Goucourt, Théophile Gautier. O escritor costumava dizer que sua formação literária foi desenvolvida não apenas por autores que leu, mas também pelas pessoas que escutava, ele sofria influências do sertão onde tinha nascido: “Foram as histórias, as lendas, os contos ouvidos em criança, histórias dos negros cheios de pavores, lendas de caboclos palpitando encantamentos, contos de homens brancos, a fantasia do sol, o perfume das florestas, o sonho dos civilizados(...). Nunca mais essa mistura de ideais e de raças deixou de predominar, e até hoje se faz sentir meu ecletismo”(COUTINHO, 2004, p. 227).

O estilo contemporâneo a Coelho Neto foi comentado por Bosi:

Esteticismo, evasionismo, “pureza” verbal precariamente definida, sertanismo de fachada, lugares-comuns herdados à divulgação de Darwin e de Spencer, resíduos da dicção naturalista de cambulhada com cliques do romance psicológico à Bourget carregam para a prosa de um Coelho Neto...(1979, p.220)

O estilo da época ainda é muito refinado, nesta época estava surgindo um movimento contrário ao refinamento na literatura, posteriormente, este mesmo grupo proporia a Semana de Arte Moderna que aconteceu em 1922. Mesmo a produção literária de Coelho Neto sendo muito lida, começaram as críticas ao seu trabalho, e aos escritores de sua época que ainda estavam presos à estética literária considerada ultrapassada.

### 3. A INTERTEXTUALIDADE NO CONTO “A VICTORIA DE LUCIFER” E A PINTURA ROMÂNICA: “O ARCANJO EM LUTA COM O DIABO”.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Sabendo que tanto a intertextualidade quanto a estética comparada produz discursos que “unem” ou “aproximam” duas linguagens. Passaremos a analisar o encontro da linguagem literária e a linguagem artística. Sobre esta aproximação Cortez afirma:

A relação entre a palavra e a imagem, entre a palavra e as coisas (e sua representação) tem sido um tema constante nos processos de comunicação entre os homens. Desde os mais remotos tempos, essa ideia de fraternidade das artes esteve presente no pensamento humano, justificando algo muito mais profundo do que a mera especulação. (CORTEZ, 2009, p. 355)

Não é de hoje que a literatura e a arte dialogam entre si, diversos quadros foram pintados baseados na literatura e a literatura já reproduziu vários quadros. Trabalhos da teoria de Estética Comparada tem produzido publicações científicas excelentes neste vasto campo que agora esta sendo descoberto por pesquisadores dos gêneros literários e artísticos.

No conto “A Victoria de Lúcifer” a personagem principal é Lucifer, também conhecido por Satanás ou diabo. Depois de ser banido por Deus da sua habitação no céu, Lúcifer cai na terra e traz consigo todas as maldições que sua traição, a Deus, proporciona.

O Diabo tem várias representações ao longo dos séculos, a mais conhecida é a retratada na Bíblia. A literatura também já apresentou várias versões do diabo. Nas conhecidas obras de Dante “Divina Comédia”(2002) e John Milton “Paraíso Perdido”(2002) há descrições sobre o diabo e sua queda. Vejamos alguns versos de “Paraíso Perdido”:

Deus, coa de mão cheia de fulmíneos dardos,  
O arrojou de cabeça ao fundo do Abismo,  
Mar lúgubre de ruínas insondável,  
A fim que atormenta ali vivesse,  
Com grilhões de diamantes e intenso fogo,  
O que ousou desafiar em campo o Eterno. (p. 13, 2006)

Lúcifer é o representante de todo mal na terra, e também fora dela. Segundo Menon: “O Diabo constitui uma dessas feições do mal, talvez a mais conhecida de todas”. (p. 2, 2008)

No conto “A Victoria de Lúcifer” o Diabo é retratado como um legítimo representante do mal que, ao rebelar-se contra Deus, é expulso do céu, conforme Menon explica:

Coelho Neto, no entanto, propõe um Diabo mais à altura do personagem bíblico e do épico de Milton, em um conto denominado “A vitória de Lúcifer”. A queda do anjo de luz e o efeito disso sobre o cosmos faz-se presente no conto de forma grandiosa. (p. 8, 2008)

Na descida a terra, Lúcifer é perseguido por um dos anjos (Kerub) mais valentes, então começa uma perseguição entre o bem e o mal. O diabo por onde passa destrói a criação do Todo Poderoso, enquanto o kerub tenta “consertar” os estragos feitos pela



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

criatura do mal. Um exemplo que aproxima o conto com a narrativa bíblica é o encontro entre Lúcifer e a criação mais preciosa de Deus, Adão e Eva:

Foi então o Senhor, descendo à terra e achando-se graciosa, mas triste, plasmou o corpo de Adão e tirou-lhe o flanco a formosura no Éden. Ora, uma tarde, passando Lúcifer no Éden, com fragoroso estrondo d'árvores abatidas, viu o inocente casal à margem d'uma ribeira e logo, tomando a forma serpentina, trahiu a mulher ingênua, cavando entre a Humanidade e Deus o abysmo do tumulto. E fez nascer o espinho no caule e a tristeza no coração. (s/d, p.103)

Já na pintura “O Arcanjo Luta com o Diabo”(anexo I)observamos o arcanjo com uma balança e o diabo querendo subir em cima ela, ou em uma outra leitura, o diabo querendo arrancar o balanço das mãos do diabo. Um dos simbolismos da balança é a justiça e, podemos, então, interpretar a pintura o diabo querendo tirar das mãos do anjo divino a justiça que Deus exerce sobre a humanidade.

Outra importante evidencia na pintura são as cores utilizadas pelo artista. As cores que representam o anjo são claras e iluminadas, por conseguinte, a do diabo negra, mostrando o contraste entre os dois. Pode simbolizar as cores mais claras o bem versus as cores mais escuras do demônio, o mal. Outro contraste nítido é o semblante do anjo, humilde, compassivo versus o rosto irado, cheio de ódio do diabo.

Nessas duas linguagens há manifestação da intertextualidade temática como salienta Ingedore Koch(2007, p. 18): “intertextualidade temática é encontrada, por exemplo, entre textos[...]que partilham temas e se servem de conceitos e terminologia próprios, já definidos no interior dessa área ou corrente teórica.”. O tema evidente tanto no conto como na pintura é a religião judaico-cristã simbolizada aqui na figura de Deus, de Lúcifer(ou diabo) e o anjo(querub no conto e Gabriel na pintura).

As duas linguagens tratam do mesmo tema: o diabo e a luta com Deus. Mesmo não aparecendo no texto sabemos que tanto o conto como a pintura fazem referência implícita a Bíblia, o livro sagrado dos cristãos e judeus. As duas linguagens remetem a luta da criatura Lúcifer e seu criador o Deus. Esta luta começou quando Deus expulsa Lúcifer do céu. Naquele lugar ele, o diabo, era um ser angelical, mas foi lançado fora por causa da sua cobiça em querer apropriar-se do trono do Todo-Poderoso e incitar um terço dos anjos a levantarem uma rebelião contra Deus.

Tanto no conto como na pintura não há referência a história relatada na Bíblia, mas o discurso destas linguagens remetem aos fatos narrados nela. Como a Bíblia é o livro mais



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

vendido no mundo e que grande maioria das pessoas tem algum conhecimento bíblico não é difícil fazer esta conexão.

## CONCLUSÃO

A aproximação entre a Bíblia, conto e pintura é um exemplo de como a intertextualidade e a estética comparada está presente nas diversas linguagens. Em diversas situações passam despercebidas diante de nós estas multifacetadas formas de comparações e intertextualidade.

Esta análise mostra que muitas das manifestações artísticas podem ser analisadas comparativamente. E, também, podemos entender que não é somente pela semelhança que pode analisar comparativamente as artes, podemos também mostra as suas diferenças. No caso da nossa análise o conto “A Victoria de Lúcifer” e a obra de arte românica as diferenças entre elas são que uma é construída a partir da palavra e a outra a partir de uma tela. Uma para ser lida, outra para ser vista. Só nesta diferença já encontramos subsídios para mostra que as correspondências, entre ambas, podem ser marcadas, também, pelas singularidades de cada uma.

Contudo, o estudo comparativo e intertextual nos faz refletir sobre a importância do trabalho artístico. Embora muito pouco reconhecido, o trabalho das artes, pode ser considerado como fonte de inspiração para uma parcela considerável da população, pois, nós somos, como afirma Bakhtin, um pouquinho dos discursos de outrem. Estamos em construção pelos muitos discursos que estão a nossa volta. Penso no velho ditado “Nada é novo, tudo é recriado”. E podemos ter certeza que se lutarmos o discurso hoje produzido por nós também encontrará eco em discurso de outros pesquisadores em um futuro próximo.

## REFERÊNCIAS

ALIGUIERI , Dante. **Divina Comédia**. Ed. 1ª. Editora : Martin Claret. São Paulo-SP, 2002.

ANÔNIMO. **O Arcanjo em kuta com o Diabo**. Museu de Arte da Catalunha-Espanha, 1200.



# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

BAKHTIN, M.M; VOLOSHNOV, V. N. **Discurso na vida e na arte**. Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/dl/noticias/downloads/Curso\\_Bakhtin2008\\_Profa.%20MaCristina\\_Sampaio/ARTIGO\\_VOLOSH\\_BAKHTIN\\_DISCURSO\\_VIDA\\_ARTE.pdf](http://www.fflch.usp.br/dl/noticias/downloads/Curso_Bakhtin2008_Profa.%20MaCristina_Sampaio/ARTIGO_VOLOSH_BAKHTIN_DISCURSO_VIDA_ARTE.pdf). Data de acesso: 28/01/2011

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz(orgs). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade**. Ed. 2ª. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP, 2003.

**Bíblia do Obreiro**. Ed. Revista e Corrigida. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CORTEZ, Clarice Zamonaro. **Literatura e Pintura**. In Teoria da Literatura. Orgs. Thomas Bonici & Lúcia Osana Zolin. 3ª ed. Maringá, Eduem, 2009.

COUTINHO, Afrânio(org), COUTINHO, Eduardo de Faria(co-direção). **A Literatura no Brasil**. 7ª Ed. Vol. 4, Parte II/Estilos de Época: Era Realista, Era de Transição, p.225-232. Global Editora. São Paulo- SP, 2004.

FERNANDES, Mônica Sócio. **Quintana, entre Poemas e Imagens**. Revista Abralic. São Paulo, 2008.

JENNY, Laurent. **Intertextualidade(Poétique): A Estratégia da Forma nº27**. Trad. Clara Crabbé Rocha. Ed. Livraria Almeida Coimbra. Paris, França, 1979.

KOCH, Ingedore G. Villaça; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **"Intertextualidade: Diálogos Possíveis"**. Editora Cortes, São Paulo-SP, 2007.

MENON, Maurício César. **O diabo: um personagem multifacetado**. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/1318>. Data de acesso: 28/01/2011.

MILTON, Jonh. **Paraíso Perdido**. Ed. 1ª. Editora: Martin Claret. São Paulo-SP, 2002.

NETO, Henrique Maximiliano Coelho. **MELUSINA**. Rio de Janeiro-RJ, 1913.

SOURIAU, Étienne. **A Correspondência das Artes: Elementos da Estética Comparada**. Trad. Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto e Maria Helena Ribeiro da Cunha. São Paulo: Cultrix, 1983.

# VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

ANEXO I

PINTURA “O ARCANJO EM LUTA COM O DIABO” Anônimo.

